

Detur tenta trabalhar sem verba

Nada mais, nada menos que um departamento da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo do GDF, o Detur se apóia basicamente em quatro pilares: direção geral e três gerências, com 160 funcionários lotados (ou sentados) no imóvel quase escondido atrás do Centro de Convenções e por onde se tem acesso pelo lado sul através de um falso tapete de caixote à guisa de pinguela. A julgar pela tosca entrada que dá acesso aos três sempre vazios elevadores, o órgão está muito longe de cuidar do turismo na capital federal, apesar de ter sido criado de fato e de direito para essa finalidade. Mas as aparências enganam se for levada em conta a efervescência que vai dentro da cabeça do atual diretor-geral, o jornalista Moacir de Oliveira, que assumiu o comando no dia 19 de fevereiro deste ano com apenas 20 por cento de disponibilidade financeira. Paulistano de 33 anos, 10 dos quais em Brasília, ele diz como encontrou o Detur:

“O orçamento do órgão para 1986, na sua parte de promoções, foi de aproximadamente 4 bilhões e 800 mil cruzeiros antigos. Mas quando assumi, o Detur já estava com mais de 80 por cento de sua verba comprometidos para o resto do ano. Nem por isso ficamos parados...”

PLANOS NÃO FALTAM

Se apenas planos fizessem o turismo andar, Brasília neste mês de junho estaria com os seus hotéis lotados e com as ruas cheias de turistas. Mas, até muito ao contrário, é a única capital brasileira de grande porte onde o aeroporto está lotado só de gente que está querendo sair.

De quem é a culpa?

— Para você ter uma idéia, encontrei o Detur sem praticamente nenhum material promocional. É enorme a quantidade de pedidos que eu recebo diariamente de agentes de viagens daqui e de fora, querendo material promocional. E nós não temos.

E foi feita alguma coisa?

— Já conseguimos fazer duas peças que causaram grande impacto, um calendário de parede e um poster sobre Brasília, que está cumprindo um papel fundamental de divulgar Brasília no mundo todo. O poster foi feito em conjunto com a Air France. Foram feitos dois mil posters e dez mil calendários.

Esse número vai ser suficiente?

— Não, claro que não. Material promocional tem que ser em grande quantidade e distribuído permanentemente...

Tem no momento algum material de divulgação no prelo?

— Deve estar sendo lançada nas próximas semanas uma carta turística nova. Por causa da dificuldade de recursos mandamos imprimir apenas 30 mil exemplares, enquanto imagino que para suprir bem as necessidades esse número deveria ser no mínimo de 100 mil exemplares. No nosso balcão no aeroporto, o pessoal não tem material para distribuir para todo mundo que chega. Por isso a gente controla muito esse material promocional. Imagino que esses 30 mil vão ser suficientes para uma primeira parte, mas daqui a pouco tempo estarão esgotados.

Como consegue trabalhar sem dinheiro?

— Botei na minha cabeça e transmiti para a minha equipe, que se não tem dinheiro isso não significa que nós vamos cruzar os braços. Nós vamos tentar buscar soluções alternativas, buscar com criatividade, e temos conseguido. Por exemplo: nós participamos de um congresso internacional que se realizou em Recife em maio, e tive muito sucesso. Botamos a cabeça para funcionar, fizemos uma sacolinhas aqui mesmo. Compramos uns mapas de Brasília no IBGE, enfim, tivemos um bom desempenho.

Acha que promoção de sacolinhas e mapas é a solução para o turismo de Brasília?

— Claro que não. Mas foi melhor do que ficarmos de braços cruzados. Enquanto isso a gente continua trabalhando na intensificação da política de divulgação. A pedra de toque da atividade turística é uma política agressiva de marketing para vender a imagem da cidade. Então nesse sentido nós já temos uma carta turística praticamente pronta (esses 30 mil exemplares) e temos outros projetos nessa área, como o projeto da Brasília mística, que envolve promocional específico sobre o lado místico da cidade, que agora ganhou mais força com a idéia do governador de fazer a cidade esotérica. Esse projeto Brasília mística consiste basicamente em utilizar co-

mo marco turístico este aspecto místico de Brasília, que é uma coisa reconhecida na cidade desde o sonho de Dom Bosco.

E o que está sendo feito nesse sentido?

— Nestes últimos três meses nós temos trabalhado no projeto ouvindo pessoas do ramo, cadastrando entidades, cadastrando seitas. O resultado prático disso seria um folheto muito bem acabado, que possa “vender” a cidade também sob esse aspecto. Então você não vai vender somente a Brasília dos palácios, dos monumentos. Você vai vender também a Brasília mística.

Não considera o projeto muito específico diante da amplitude das faixas de atração turística?

— É óbvio que sim. Mas o nosso leque está sendo aberto em outros sentidos. Estamos trabalhando também no chamado “circuito cívico-cultural”, programa cujo objetivo é de atrair estudantes para conhecer Brasília. Aproveitando a discussão toda deste ano político que estamos vivendo neste segundo semestre e principalmente o ano que vem, que vai ser o ano de funcionamento da Constituinte. É nossa intenção explorar a Constituinte como mais um instrumento de marketing turístico.

Em que pé se encontra o calendário de eventos de Brasília no sentido de atrair novos visitantes?

— Acreditamos que Brasília tem uma vocação natural, e até relançamos um slogan anterior, se não me engano da administração do Tarcísio: “Brasília, Capital Brasileira dos Congressos, Feiras e Exposições. Se você vai realizar qualquer congresso profissional, você tem muito mais possibilidade de conseguir que o presidente da República e os ministros da área participem da abertura sendo aqui do que em qualquer outra cidade. Brasília, por ficar localizada no centro do País, barateia os custos das

ras e exposições, com área mínima de 15 mil metros quadrados. A nossa intenção é que seja construído o mais cedo possível. Estou informado que o secretário Carlos Magalhães já acertou os detalhes finais desse projeto com o Oscar Niemeyer.

Alguns empresários brasileiros continuam se queixando da omissão do Governo do Distrito Federal, investindo quase nada no turismo. Concorde com eles?

— Os empresários são de certa maneira muito omissos. Eles ainda têm aquela visão de que o governo deve dar tudo. A participação do empresário nesse esforço coletivo é ainda muito reduzido.

Outra queixa é de que o governo não os chama para ouvir. Tem procedência essa falta de diálogo?

— Não. Já promovi aqui várias reuniões com os empresários para tratar de projetos específicos. Todo grande evento a gente convoca uma reunião com os empresários, para discutir, ouvir as idéias, coordenar o trabalho.

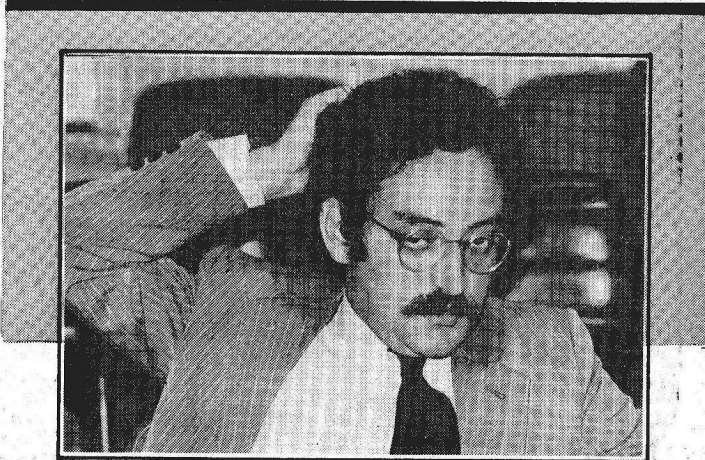
Acha que Brasília tem uma infra-estrutura hoteleira à altura de um turismo permanente ou precisa de mais hotéis?

— Acho que pelo quadro atual, ela é suficiente. Nós temos 33 hotéis classificados de um a cinco estrelas, num total de 7 mil 752 leitos e 3 mil 911 unidades habitacionais. Acho que para o atual fluxo de turismo é uma situação bastante boa.

Voltando à falta de dinheiro, como vai ser neste segundo semestre?

— Como toda a administração do GDF, pedimos uma suplementação de verba de 2 milhões 700 mil cruzados. E estamos na expectativa. O governador deverá decidir ainda esta semana sobre essas complementações orçamentárias.

Se o Detur, em vez de departamento se transformasse em secretaria de Estado, não seria



“Encontrei o Detur sem praticamente nenhum material promocional. É enorme a quantidade de pedidos que eu recebo diariamente de agentes de viagens daqui e de fora, querendo material promocional. E nós não temos. Vamos imprimir 30 mil exemplares de uma nova carta turística, quando era preciso dispor de 100 mil”

(Moacir de Oliveira)

passagens, já que é mais fácil todo mundo vir para cá.

As datas já estão confirmadas?

— Já temos programados para este ano 17 eventos. Para 87 já temos confirmados também 17, inclusive um internacional. Para 1988, por enquanto três.

Já condenada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo, por que então ainda não foi retirada aquela estrutura metálica que fica ali ao lado do Centro de Convenções?

— Ela ainda não foi retirada porque há eventos já programados. E se essa estrutura fosse retirada hoje, esses eventos teriam de ser cancelados. A propósito, o nosso Centro de Convenções é muito bem equipado, mas tem um problema cômico que é a área de exposições. Nossa área de exposição é de apenas dois mil metros quadrados. Em função disso é que foi construído esse anexo de estrutura metálica que é um horror. Acho até que se constitui numa afronta à arquitetura de Brasília, mas ela é uma estrutura fundamental, porque sem ela Brasília perde um potencial de eventos grandes.

Quer dizer: mesmo condenada, mesmo horrorosa, ela continua ali?

— Pelo menos até que se construa o pavilhão definitivo de fei-

mais viável economicamente?

— Não. O que se cogita é de se transformar o Detur em empresa turística estatal, conforme existe em todos os Estados brasileiros, com exceção de Rondônia e do Distrito Federal. Este projeto a gente também pretende deslançar com prioridade. Enfim, estamos estudando os caminhos jurídicos, exatamente no sentido de dar mais autonomia financeira e administrativa ao órgão. Como empresa nós teríamos muito mais agilidade e condições de desenvolver um trabalho com retornos a curto prazo. Como empresa nós poderíamos transformar, por exemplo, o Centro de Convenções num negócio rentável, buscando até patrocínios. E tudo que fosse arrecadado, seria investido no próprio setor.

Isso não ocorre com o Detur na forma atual?

— Como departamento, todo o dinheiro que o Detur arrecada, seja com o aluguel de suas instalações, seja com a venda de fichas de hotéis (que é um convênio), vai tudo para o caixa único do Governo. Ainda nesta questão de verbas, uma outra sugestão dos empresários é que o Imposto Sobre Serviços (ISS), que agora passou a ser cobrado, fosse repassado ou reinvestido no próprio setor. A idéia já foi encaminhada ao governador.